



NATÁLIA MARQUES ROCHA GUIMARÃES

**O PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NOS CONTOS “ARAMIDES
FLORENÇA”, LIA GABRIEL” E “SHIRLEY PAIXÃO”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

São Félix do Xingu-PA
Agosto/ 2021

NATÁLIA MARQUES ROCHA GUIMARÃES

**O PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NOS CONTOS “ARAMIDES
FLORENÇA”, LIA GABRIEL” E “SHIRLEY PAIXÃO”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) do Instituto de Estudos do Xingu, Campos de São Felix do Xingu, para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua portuguesa.

Área de atuação: Estudos Literários
Linha de pesquisa: Literatura de autoria feminina
Orientadora: Profa. Dra. Mirian Cristina dos Santos

São Félix do Xingu-PA
Agosto/ 2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial do Instituto de Estudos do Xingu

Guimarães, Natália Marques Rocha

O protagonismo feminino nos contos "Aramides Florença" "Lia Gabriel" e "Shirley Paixão", de Conceição Evaristo / Natália Marques Rocha Guimarães ; orientadora, Mirian Cristina dos Santos. — São Félix do Xingu, PA: [s. n.], 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de São Félix do Xingu, Instituto de Estudos do Xingu, Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, São Félix do Xingu, 2021.

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. Mulheres na Literatura. 3. Negras na Literatura. 4. Conceição, Evaristo, 1946 -. I. Santos, Mirian Cristina dos, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 23. ed.: B869.09

Elaborada por Renata Matos de Souza – CRB-2/1.586

NATÁLIA MARQUES ROCHA GUIMARÃES

**O PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NOS CONTOS “ARAMIDES
FLORENÇA”, LIA GABRIEL” E “SHIRLEY PAIXÃO”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Professora: Dra. Mirian Cristina dos Santos (UNIFESSPA – Orientador)

Professora: Dra. Luciana de Barros Ataíde (UNIFESSPA/IEX)

Professora: Dra. Franciane Conceição da Silva (DLCV/ UFPB)

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus,
sem ele nada seria possível.
Dedico também a minha família, que muito me
apoiou e me incentivou a realizá-lo.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso e por ser a base das minhas conquistas.

Ao meu pai Gilmar, por acreditar em mim, e sempre me incentivar a continuar.

À minha mãe Cecília, pelo amor e palavras de carinho.

Às minhas irmãs Carla, Thaynara e Leticia por sempre me fazerem rir, mesmo quando queria chorar.

Ao meu querido esposo Josafá, pelos momentos de companheirismo e pela compreensão nos momentos de ausência.

À minha tia Val que sempre me incentivou e vibrou comigo em cada etapa vencida.

Ao meu tio Antonio, por sempre estar presente em minha vida.

Às minhas melhores amigas, Samara, Cintia, Keila, Aline, Dilma e Hélia, e ao meu amigo Paulo por fazerem desta jornada a melhor experiência da minha vida e por compartilharem comigo momentos incríveis.

A todos os meus colegas de classe, pelo apoio e respeito, em especial Wellinton que sempre esteve pronto para me ajudar. Obrigada pela oportunidade de convívio e pela cooperação mútua.

Deixo um agradecimento especial a minha querida orientadora Mirian, pela dedicação do seu tempo, pela confiança, pelas valiosas contribuições dadas que se tornaram essenciais para que o projeto fosse concluído. Obrigada por me guiar de uma forma tão leve e satisfatória.

À professora mais linda, gentil e que me abriu os olhos para que esta pesquisa se tornasse real: Professora Luciana, saiba que você é uma das minhas inspirações.

Aproveito e também agradeço à professora Luciana de Barros Ataíde pela disponibilidade de fazer parte desta banca, agradecimento que estendo à professora Franciane Conceição da Silva.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica.

À universidade que sempre me proporcionou um ensino de alta qualidade.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

Todas as manhãs

Todas as manhãs acoito sonhos
e acalento entre a unha e a carne
uma angudíssima dor.

Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.
(CONCEIÇÃO EVARISTO)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o protagonismo negro feminino nos contos “Aramides Florença”, “Lia Gabriel” e “Shirley Paixão”, do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo. Discutiremos como a escritora Conceição Evaristo aborda e representa as mulheres negras em sua obra, uma vez que até hoje essas são excluídas da literatura ou representadas de forma estereotipada. Utilizaremos como embasamento teórico para as análises dos contos, Zilá Bernd (1988), Eduardo de Assis Duarte (2008), Cuti (2010), Fernanda Figueiredo (2009), entre outros, a fim de compreender a importância da voz feminina negra na literatura, pois é através dessa nova abordagem que Conceição Evaristo romperá com estereótipos, apresentando personagens negras que resistem a afrontas e imposições classistas, sexistas e racistas.

Palavras-chave: Literatura. Mulheres negras. Escrivência. Conceição Evaristo

ABSTRACT

This work aims to reflect on the black female protagonism in the short stories “Aramides Florence”, “Lia Gabriel” and “Shirley Paixão”, from the book *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), by Conceição Evaristo. We will discuss how the writer, Conceição Evaristo, approaches and represents black women in her literary work, since until today these women are excluded from literature or represented in a stereotyped way. We will use as theoretical support for the analysis of the stories, Zilá Bernd (1988), Eduardo de Assis Duarte (2008), Cuti (2010), Fernanda Figueiredo (2009), among others, in order to understand the importance of the black female voice in literature. As it is through this new approach that Conceição Evaristo will break with stereotypes, presenting black characters who resist classist, sexist and racist affronts and impositions.

keywords: Literature. black women. Escrivivência. Conceição Evaristo

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1 - CAPÍTULO: MULHERES NEGRAS NA LITERATURA	14
1.1 - Literatura de autoria negra: conceitos em discussão.....	14
1.2 - A representação da mulher negra na literatura brasileira	21
1.3 - A literatura feminina negra no Brasil.....	25
2 - CAPÍTULO: O PROTAGONISMO FEMININO NEGRO EM <i>INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES</i>, DE CONCEIÇÃO EVARISTO	31
2.1 - Conceição Evaristo: Apresentação	31
2.2 - A escrita insubmissa de Conceição Evaristo.....	32
2.3 - Aramides Florença e Lia Gabriel: corpos violentados	36
2.4 - Shirley Paixão: um exemplo de sororidade	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

Desde criança, sempre falei para todos que um dia faria faculdade, e que com certeza seria uma professora. Vinda de uma família simples e que até então ninguém tinha chegado ao nível superior, esse pensamento por muito tempo me assombrava, pois achava que seria algo impossível, principalmente para uma menina negra que não tinha nenhuma condição financeira. Porém, essas estão sendo minhas últimas “palavras” escritas em minha monografia para que esse sonho seja concretizado.

Durante todos esses anos na universidade, diante de inúmeras leituras obrigatórias e também as que foram lidas por indicação e até mesmo curiosidade, nunca dei a devida atenção para quem era o/a autor(a), em que ambiente tinha sido escrita, ou até mesmo qual importância tal obra teria para a literatura, até cursar as disciplinas: “A narrativa e a poesia de expressão amazônica” e “Literaturas contemporâneas de Língua Portuguesa”.

Os professores que ministraram essas disciplinas, pela primeira vez trouxeram autores que muitos não conheciam, e talvez isso não tenha sido falha dos nossos professores, mas da nossa grade curricular, que infelizmente, ainda possui uma leitura voltada para o cânone literário. Essas disciplinas me fizeram conhecer textos escritos por diferentes mulheres, brancas, negras e indígenas; literaturas periféricas, ribeirinhas e diversas outras; literaturas consideradas minorias e que lamentavelmente são questionadas se são ou não literatura. Foram disciplinas bastante satisfatórias, já que me trouxeram diversas lembranças. Com isso, de alguma forma consegui me identificar com algumas das obras trazidas, como se estivesse escrito minhas vivências.

Tempos depois, uma professora muito querida me apresenta a escrita de uma autora deslumbrante, Conceição Evaristo, e que me levou a fazer esta monografia voltada para o protagonismo feminino negro. De todos os livros lidos, nenhum me fez sentir tão perto da minha realidade como *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, nenhum ainda tinha despertado em mim a verdadeira importância da literatura, o motivo de tamanha exclusão de alguns textos, e porque especialmente as mulheres negras eram as mais excluídas. Enfim os porquês começaram a surgir incansavelmente, o que demarca um diferencial desta literatura.

Diante das questões supracitadas, e de acordo com a pesquisadora Mirian Cristina dos Santos, “pensar a mulher negra intelectual na contemporaneidade [...] constitui um aspecto relevante, uma vez que reivindicações, questionamentos e denúncias estão presentes nos textos

de mulheres negras escritoras” (SANTOS, 2018, p.13). Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o protagonismo negro feminino nos contos Aramides Florença, Lia Gabriel e Shirley Paixão, presentes no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, discutindo como a autora representa mulheres negras, que até hoje são excluídas da literatura ou representadas de forma estereotipada, e como sua escrita consegue romper com paradigmas impostos por uma sociedade patriarcal, racista e machista.

Assim sendo, o presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro, intitulado “Mulheres negras na literatura”, foi dividido em três tópicos. Inicialmente refletimos a problemática em torno do conceito da literatura de autoria negra, sobre o porquê de ainda hoje ser questionada a denominação literatura afro-brasileira, uma vez que tudo seria literatura brasileira (contudo, sabemos da representação estereotipada de personagens negros na maioria das obras). Dessa forma, a temática, a autoria, a visão de mundo colocada no texto, a linguagem e diversos outros fatores serão relevantes nessa literatura, a qual veremos mais aprofundado no capítulo em questão.

Em seguida, discutimos sobre a representação da mulher negra na literatura brasileira, pontuando as marcas da luta para desconstruir a imagem totalmente estereotipada das mulheres, que ainda hoje permanece, mesmo tendo tantas escritoras como Conceição Evaristo, Mirian Alves e tantas outras, que estão presentes preenchendo também a lacuna de escritoras negras em nossa literatura. E para fechar esse capítulo, tratamos da literatura feminina negra no Brasil, destacando como foi o início, principais autoras e os temas mais recorrentes, tendo como principal aporte teórico os estudos da pesquisadora Fernanda Figueiredo (2009), temas esses que serão pertinentes para os contos que serão analisados nesta monografia.

No segundo capítulo, primeiramente tecemos alguns comentários acerca da biografia de Conceição Evaristo, já que diversas fases de sua vida foram de suma importância para a construção de suas obras. Um exemplo disso é o termo *escrevivência*, também será discutido no decorrer da monografia, e que está intimamente ligado às experiências de vida de Evaristo, e também de seu público leitor, que acaba se identificando com sua escrita.

Por fim, no último capítulo, analisamos alguns contos de Conceição Evaristo, com o intuito de mostrar como a escritora apresenta em sua obra personagens femininas negras totalmente fora dos padrões convencionais de representação. As personagens de Evaristo são mulheres que sofrem diversos tipos de violências, mas que são insubmissas, que se recusam a aceitar o silêncio e opressão impostas por seus próprios companheiros. Veremos que é sob esse

olhar e nessas condições de violências e fragilidades que a escritora dará protagonismo a personagens negras que antes eram silenciadas e apagadas de nossa literatura.

1 - CAPÍTULO: MULHERES NEGRAS NA LITERATURA

1.1 - Literatura de autoria negra: conceitos em discussão

Ao refletir sobre a literatura de autoria negra, devemos pensar, pelos menos brevemente, no que os críticos literários entendem sobre literatura. Dentre tantos teóricos e críticos literários que expuseram suas hipóteses, Terry Eagleton em seu livro *Teoria da Literatura: uma introdução* (2003), ao tentar conceituar o que seria a literatura, expõe um ponto de vista que nos faz cogitar sobre o porquê, de alguns pensadores infelizmente perpetuarem pontos de vistas e práticas excludentes, fazendo muitos autores e literatos questionarem a validação da literatura escrita por pessoas negras.

A literatura, assim como outras formas de representações artísticas, entra numa categoria que Eagleton observa enquanto convenções sociais, em que são atribuídas certos “juízos de valor”. Em algum momento críticos e pessoas do mundo literário formaram o que chamam de cânone, instituindo diversos autores como um modelo padrão, escritores considerados com uma boa literatura. Tudo que é feito é avaliado a partir dos parâmetros do cânone. Toda produção literária acaba sendo norteada a partir desse modelo referência de autores legitimados. A partir disso, podemos pensar numa concepção de literatura que ainda na atualidade segue um modelo eurocêntrico como norma, em que se considera a escrita de homens, brancos, heterossexuais e de classe alta, que possuem algum vínculo com a metrópole. Nesse ínterim, de acordo com Eagleton (2003):

o fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses - e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira - poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos (EAGLETON, 2003, p.18).

Ou seja, por estarmos numa relação entre sociedade e literatura imersos num tempo histórico onde nos foi colocado um padrão a ser seguido e instaurado como realidade, é como se tapassem nossos olhos para não enxergarmos outras possibilidades de literaturas tão importantes quanto as já existentes.

Diante disso, as obras e discursos perpetuados devem ser lidos politicamente. Devemos considerar que nem tudo que está escrito pode ser tido como verdade ou modelo absoluto. Conforme Zilá Bernd (1988), em relação à historiografia literária, devemos “ler a história literária não como uma totalidade fechada, mas como possibilidade. Percebê-la

permanentemente inacabada deverá permitir que autores ou movimentos possam transitar da esfera da sombra para a esfera da consagração” (BERND, 1988, p.16).

Em outras palavras, uma visão crítica sobre o sistema literário nos permitirá questionar o porquê, por exemplo, autores e autoras da Literatura Negra e/ou Afro-brasileira pouco aparecem nessas produções literárias, e quando aparecem sempre são de forma estereotipada. Assim como tantas outras questões são possíveis, por exemplo: Por que os textos sempre eram narrados por homens brancos? Por que mulheres escritoras tinham que usar pseudônimos para conseguir publicar suas obras? Por que muitos livros só tiveram seu reconhecimento somente muitos anos depois de sua publicação?

A partir dessas indagações, faremos reflexões sobre a literatura de autoria negra, uma escrita que ficou por muito tempo à margem da literatura brasileira. Para pensarmos sobre o conceito dessa literatura, usaremos como suporte teórico os trabalhos de Bernd (1988), Duarte (2008) e Cuti (2010). Começaremos pelas considerações que Bernd nos traz sobre o assunto.

Muitas pessoas se questionam do motivo de falar em literatura afro-brasileira. Não é tudo literatura? E a resposta é sim, a literatura afro é literatura, contudo a literatura brasileira em si vem com um histórico de representação negativa das pessoas negras, um histórico que carrega representações estereotipadas e até racistas. Quando intelectuais e escritores negros, a partir do século XIX, começam a escrever suas próprias histórias e produzir seus próprios textos, percebemos uma mudança radical na representação dos personagens negros.

Segundo Zilá Bernd:

é preciso sublinhar que o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar o discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos (BERND, 1988, p. 22).

Nessa literatura, o negro deixa de ser apenas um objeto e passa a ser o autor, o personagem principal, o sujeito de enunciação, um indivíduo que se percebe enquanto pessoa negra no mundo. Vemos em cada parte das obras, seja pelo narrador, personagem ou ambiente em que está sendo inserido, que na literatura negra há diversas formas de desconstruir o ponto de vista negativo que a escravidão e a violência afluíram. Conforme Bernd:

Na verdade, é possível afirmar que a literatura negra surge como uma tentativa de preencher vazios criados pela perda gradativa de identidade determinada pelo longo período em que a "cultura negra" foi considerada fora-da-lei, durante o qual a tentativa

de assimilar a cultura dominante foi o ideal da grande maioria dos negros brasileiros (BERND, 1988, p. 22-23).

No livro *Introdução à Literatura Negra* (1988), Bernd aponta quatro leis fundamentais que atravessam a poesia escrita por autores negros. Embora o *corpus* do nosso trabalho seja a prosa, os apontamentos da pesquisadora são de suma importância para pensar de forma crítica a Literatura Negra. De acordo com a autora: “a poesia negra, apesar da enorme diversidade de concepções sobre a construção identitária, é regida por [...] leis que correspondem a princípios essenciais e constantes e que atuam como uma espécie de programa de lutas” (BERND, 1988, p. 76).

A primeira lei, a autora denomina como “emergência do eu enunciativo”, ou seja, na literatura negra temos o sujeito negro como enunciativo, colocado em primeira pessoa, que tem como objetivo sair do anonimato. Acontecerá uma ruptura, onde não mais ocupará um espaço de objeto e deixar que falem por ele. Nesse sentido:

A enunciação em primeira pessoa revela a determinação do poeta de desvincular-se do anonimato e da "invisibilidade" a que o relegou sua condição de descendente de escravos ou de ex-escravos e, mesmo após a Abolição, sua situação de estranhamento em uma sociedade que não o convocou a participar em igualdade de condições (BERND, 1988, p.77).

Na segunda lei proposta por Bernd, na “construção da epopeia negra” nos é apresentado três poetas que buscam fatos de uma historicidade negra, que acabaram sendo excluídos e ocultados por uma cultura que se autodenomina dominante. Bernd nota que as composições desses poetas “Além de recordar as ações excepcionais, os poemas acolhem os dramas cotidianos, abrigando simultaneamente aspectos reveladores da marginalidade da vida do negro, evidenciando o intento dos autores de armar um jogo de contrários (BERND, 1988, p.85).

Outro ponto importante que a autora nos ressalta é “a reversão de valores”. Na literatura negra, os autores buscavam tornar positivo tudo que era vista como negativo. Características físicas, como cor da pele, cabelo, lábios, entre outros serão trazidas como símbolos de orgulho, desconstruindo totalmente situações que foram colocadas anteriormente, a fim de apagar suas verdadeiras identidades. Desta forma, “a poesia negra vai se nutrir, portanto, da idéia de desconstrução, de demolição de "verdades" que negam o negro, buscando substituí-las por outras que, ao contrário, afirmam e exaltam sua condição humana” (BERND, 1988, p. 86).

E a última e não menos importante das leis é a “nova ordem simbólica”, que reflete sobre símbolos que representam o povo negro. Instrumentos musicais e até mesmo objetos que eram usados para tortura dos negros serão revistos, assim: “É visível o esforço da poesia de não renegar um passado histórico de sofrimento, mas, ao contrário, de evocá-lo, associando-o ao permanente impulso do negro em direção à sua liberdade” (BERND, 1988, p. 91).

Conforme vimos até aqui, “em se tratando de literatura negra o conhecimento de seus postulados torna-se essencial, pois ao pretenderem efetuar a desmontagem das práticas literárias existentes, essas obras, voluntariamente transgressoras, aparecem como determinações de novos conceitos” (BERND, 1988, p. 97). Dessa maneira, assim como Zilá Bernd delinea reflexões a partir do conceito Literatura Negra, outros pesquisadores leem essa literatura sobre a ótica de outras denominações. Exemplo disso, são os apontamentos do professor e pesquisador Eduardo de Assis Duarte.

Em seu texto “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção” (2008), Duarte propõe a presença de cinco identificadores para considerar uma obra e um autor como sendo próprios da literatura afro-brasileira, a saber: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público.

O primeiro critério colocado pelo autor é a temática. A literatura afro-brasileira tem como tema o negro, buscando fazer um resgate da história desse povo, bem assim como também fazer uma denúncia da escravidão e até mesmo a exaltação de heróis como Zumbi dos Palmares, heróis esses que tiveram um papel fundamental na luta contra a escravidão. Ainda sobre o tema, Duarte ressalta que podemos encontrar nos textos tradições culturais e religiosas, os dramas vividos na modernidade brasileira, crítica ao preconceito, a marginalidade e entre outros.

Sobre a autoria, o estudioso nos diz que

é dos mais controversos, pois não apenas implica a consideração de fatores propriamente biográficos e fenotípicos, com todas as dificuldades inerentes à definição do que é ser negro no Brasil, mas também em função da defesa de uma ‘literatura negra de autoria branca’, feita por alguns estudiosos (DUARTE, 2008, p. 14, grifo do autor).

Sabemos que alguns autores mesmo sendo negros ou afro-brasileiros não incluem suas obras nesse plano literário ou vice-versa. Um exemplo disso é essa defesa que o próprio Eduardo de Assis Duarte, homem branco, faz em seu texto, apontando elementos que diferenciam as produções literárias dos afro-brasileiros. Em relação a isso o crítico observa que:

Tal prática nos aponta para a necessidade de evitar também a redução sociológica, que nos levaria a interpretar o texto a partir de fatores externos a ele, como a cor da pele

ou a condição social do escritor. No caso presente, é preciso compreender a autoria não apenas como um dado exterior, mas na condição de traduzida em constante discursiva integrada à materialidade da construção literária (DUARTE, 2008, p. 15).

O terceiro critério trazido é o ponto de vista, onde encontramos nos textos uma visão de mundo própria da autoria negra, visto que “não basta ser afro-descendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população” (DUARTE, 2008, p. 12). Diante de tal afirmação, vemos que essa literatura terá e apresentará um sujeito de enunciação compromissado também com um referencial negro.

A linguagem, quarto elemento apresentado por Duarte, é considerada “um dos fatores instituintes da diferença cultural no texto literário” (DUARTE, 2008, p. 18). A linguagem nos textos de literatura afro-brasileira terá um papel fundamental para a ressignificação de falas e escritas do mundo branco, no qual características como a cor de pele, cabelos crespos e a própria cultura negra antes carregados de sentidos pejorativos serão recuperados a partir da positividade.

Por último, o autor nos apresenta um quinto componente que seria o público leitor. Esse critério nos faz refletir acerca da reversão de valores que a literatura afro-brasileira pode nos proporcionar, já que o autor “que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz de uma determinada coletividade” (DUARTE, 2008, p.20). Contudo, mesmo essa literatura sendo feita a partir de elementos que representam a população negra, ainda hoje, a grande maioria desse grupo passa pela dificuldade de acesso a livros. Conforme Duarte

Para ilustrar, recorde uma reflexão de Ezequiel Teodoro da Silva, datada dos anos 1980, a respeito do que então se denominava “crise de leitura”. Segundo o autor, essa crise é alimentada por uma “lei-dura”, que seria um conjunto de restrições que impede a fruição da leitura e que a coloca numa situação de crise. Para ele, o primeiro parágrafo da “lei-dura” é aquele que diz que somente a elite dirigente deve ler; o povo deve ser mantido longe dos livros. Porque livros bem selecionados e lidos, estimulam a crítica, a contestação e a transformação – elementos estes que, segundo ele, colocam em risco a estrutura social vigente (DUARTE, 2008, p.21, grifos do autor).

Diante do exposto, muitos escritores negros buscam outras formas de produzir e vender seus livros, por meio da realização de eventos, apoios coletivos ou pelas redes sociais – instigando também a inclusão digital –, tudo isso a fim de fazer algum movimento no mercado editorial e proporcionar o acesso e o prazer da leitura a outros grupos.

Por fim, em relação aos cinco fatores característicos da literatura afro-brasileira apontados por Duarte – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público –, é importante destacar que os elementos apresentados isoladamente são insuficientes, já que esses fatores em conjunto diferenciam o texto afro-brasileiro de outros textos. Nas palavras de Duarte

temos uma produção que está dentro da literatura brasileira, porque se utiliza da mesma língua e, praticamente, das mesmas formas, gêneros e processos (procedimentos) de expressão. Mas que está fora porque, entre outros fatores não se enquadra na “missão” romântica, tão bem detectada por Antonio Candido, de instituir o advento do espírito nacional. Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar (no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar, no âmbito da cultura letrada produzida pelos afrodescendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeitos de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na diferença que questiona e abala a trajetória progressiva e linear da historiografia literária canônica (DUARTE, 2008, p.22).

Ao analisar tais estratégias apontadas pela autora Zilá Bernd (1988) e Eduardo de Assis Duarte (2008), torna-se evidente que ao pensar a literatura contemporânea é necessário compreender que há uma luta de grupos sociais a fim de conquistarem seu espaço e terem voz. Diante disso, vemos que esse anseio se justifica em virtude de um passado de exclusão e que acaba refletindo atualmente.

Embora alguns grupos tenham alcançado determinados espaços sociais, vemos que dentro da literatura, a inserção do personagem, do autor e do leitor negro ainda hoje acontece em um ambiente de tensão, conforme aponta Regina Dalcastagné, já que ainda temos o campo literário dominado por uma maioria branca, elitista e mormente canônica. A partir disso, o escrito Luiz Silva (Cuti), um dos fundadores dos *Cadernos Negros*, salienta que:

Se as conquistas da população negro-brasileira são minimizadas é porque o propósito de um Brasil exclusivamente branco continua sobrepujando as mentes que comandam a nação nas diversas instâncias do poder. Os maiores problemas que o país enfrenta hoje foram plantados ontem e seus cultivadores deixaram uma legião de descendentes e seguidores. A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua, segue mudando de cor como os camaleões, adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaboradas (CUTI, 2010, p. 12).

Dessa forma, para que ocorra efetivamente uma inclusão de outros grupos no campo literário, é preciso que esses personagens saiam dos bastidores e entrem em cena, que produzam literatura e que falem acerca de si, que ocupem seus lugares de fala¹.

Partindo dessas considerações, o escritor Luiz Silva Cuti, em seu livro *Literatura negro-brasileira* (2010), discorre sobre o contexto histórico do racismo no Brasil, teoriza à escrita negra e apresenta os principais grupos e autores que fizeram com que essa escrita esteja vigente.

No livro em questão, Cuti reflete sobre o uso da expressão literatura afro-brasileira, termo usado pela maioria dos críticos e literatos. Para ele, “o referido prefixo abriga não negros (mestiços e brancos), portanto, pessoas a quem o racismo não atinge, para as quais a identidade da herança africana não está no corpo, portanto, não passa pela experiência em face da discriminação racial” (CUTI, 2010, p. 38), ou seja, o prefixo “afro” usado para demarcar as narrativas que trazem em seus conteúdos questões referentes ao negro não corresponde necessariamente à realidade brasileira, pois o termo afro remete-nos a uma África e não possui um comprometimento com as reais problemáticas brasileiras, principalmente ao racismo que ocorre na nossa sociedade. Cuti ainda diz:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. O aval do Estado Brasileiro dá à denominação “afro-brasileira” um caráter compulsório, enquadrando a produção literária em seus pressupostos ideológicos. O interesse de intercâmbio econômico com os países africanos sustenta as iniciativas de intercâmbio cultural. Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro (CUTI, 2010, p. 35-36).

Portanto, de acordo com Cuti, os anseios da literatura negro-brasileira acabam sendo diferentes dos anseios da literatura afro, mesmo que as duas estejam em busca de consolidação. Nesse aspecto, Cuti ainda salienta que:

¹ De acordo com a filósofa Djamila Ribeiro, todos falamos a partir de um lugar social. “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (RIBEIRO, 2017, p. 90).

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro” (CUTI, 2010, p. 44).

Assim sendo, Cuti traz a nomenclatura literatura negro-brasileira enquanto opção política, uma vez que essa literatura é racialmente marcada por experiências específicas de corpos negros na sociedade brasileira.

Diante do exposto, percebe-se que as nomenclaturas Literatura Negra, Literatura Afro-brasileira e Literatura Negro-brasileira, propostas pelos críticos citados, trazem pontos de convergências e divergências na tentativa de entender o texto de autoria negra, reflexões importantíssimas para considerarmos também o caráter crítico dessa literatura².

1.2 - A representação da mulher negra na literatura brasileira

Sabemos que é notável a lacuna de autores negros, ao percorrer a crítica literária brasileira. Diversas barreiras, como a materialização dos livros e até mesmo o apagamento dos créditos autorais são consequências que muitos sofreram. De modo geral, se tratando de literatura, ainda hoje temos grupos de estudiosos e críticos que negam a existência de uma literatura afro-brasileira, contudo, mesmo que nos últimos anos essa literatura tenha ganhado visibilidade, cabe ressaltar que muitos ainda não veem o texto de autoria negra como um *corpus* das letras.

Conceição Evaristo, em “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade” (2009), nos leva a refletir sobre “o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro”. E nos mostra como “a literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos” (EVARISTO, 2009, p.27).

Durante muito tempo, os corpos negros vêm sendo violentados de diferentes formas, fazendo com que criassem formas de resistências, por meio de músicas, jogos, culinária e heranças religiosas. Essas e outras características são reconhecidas pela sociedade enquanto culturas vindas de povos africanos e vividas por eles, e isso facilmente são aceitos e

² Neste trabalho, faremos o uso do termo literatura de autoria feminina negra.

reconhecidos como práticas afro-brasileiras, porém, ao se tratar da produção intelectual, ainda levantam dúvidas e na maioria das vezes negação.

De acordo com estudos realizados por Regina Dalcastagnè (2008), vemos que o perfil de escritores da literatura brasileira contemporânea, em quase sua totalidade, é composto por homens brancos, de classe média, heterossexuais e que vivem na região Sudeste do nosso país. Contudo, sabemos que mesmo diante desse processo de silenciamento e exclusão, há muito tempo, temos escritores à margem, que não negavam sua cor e nem suas origens, rasgando o cânone e ignorando modelos excludentes estabelecidos.

Na literatura, o discurso predominante sobre o negro, na maioria das vezes, é representado de uma forma preconceituosa e negativa, sendo representados como objetos, sujeitos marginais, submissos, sem voz. Conceição Evaristo (2009) menciona diversos escritores renomados, como Gregório de Matos, José de Alencar, Graciliano Ramos e entre outros, que apresentam personagens negros em suas obras somente como corpos escravizados, com tentativas de embranquecimento, sendo possível ainda “ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem” (EVARISTO, 2009, p.22).

Diante dos fatos expostos, percebemos que alguns críticos literários insistem em negar a existência de uma literatura afro-brasileira, por motivos de ainda estarem apegados a um modelo de cultura dominante, dado que:

Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas (EVARISTO, 2009, p.17).

Esse tipo de argumento nos leva a questionamentos como: Por que não reconhecer uma literatura afro-brasileira? A literatura ainda hoje, é reconhecida somente por autores de determinados grupos de classe social? Por que reconhecer e fazer uso de práticas culturais, culinárias e expressões e não afirmar que a literatura negra tem sim, sua própria subjetividade, marcada por experiências e vivências dos próprios negros?

Em seu texto, Evaristo ressalta que “os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (EVARISTO, 2009, p.27). Ou seja, o negro não mais ficará sujeito a um indivíduo, ele passará a ter voz dentro da literatura, ele terá voz e vez dentro da sociedade. Assim, autores da literatura afro-brasileira usam seus próprios

textos a fim de divulgar e consolidar suas produções, e com isso desconstruir uma identidade marcada pela negatividade, fundada pela cultura dominante.

Outro ponto abordado por Evaristo, que nos provoca reflexões, é a forma como a mulher negra é representada como infértil no discurso literário. Ao pensarmos em personagens negros dentro da literatura, podemos perceber que a mulher sempre esteve presente, contudo, vista pelas lentes do escritor homem e branco, apresentando assim uma visão totalmente trivial.

No artigo “Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade”, Eduardo de Assis Duarte, discorre sobre como a mulher negra é representada na literatura canônica, afirmando que:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e despreensão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p.24).

Vemos que desde Gregório de Matos a imagem construída da mulher negra, principalmente as mulheres negras, sempre esteve ligada à sensualidade, à sexualidade, um corpo sempre próximo ao corpo-objeto e nunca pensada como heroína ou musa. Até mesmo a imagem de mãe lhe era negado.

De acordo com Sônia Giacomini, a mulher negra era vista como

coisa, pau pra toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque, além de escrava é mulher. Evidentemente, esta maneira de viver a chamada “condição feminina” não se dá fora da condição de classe... e mesmo de cor (GIACOMINI, 1988, p. 87-88).

A partir da citação acima, podemos ter uma ideia explícita de como a personagem feminina negra sempre fora representada, na grande maioria das vezes, pelas narrativas literárias. O corpo negro feminino era tido como disponível, sendo desprovida de qualquer razão ou sensibilidade.

Seja Gregório de Matos com seus versos marcados por uma escrita erótica e repleta de vocabulários chulos, José de Alencar com uma divisão de mulheres em “anjos loiros ou morenas ardentes”; as características dadas a Vidinha, no romance de Manoel Antônio de Almeida; o sensualismo encarnado na figura de Rita Baiana em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo;

e em inúmeras outras obras do século XX, temos a figura da mulher negra, na qual a imoralidade e permissividade são expressadas como características, deixando transparecer que aquele corpo está disponível para consumo, porém com “um sutil aleijão biológico: a infertilidade” (DUARTE, 2009, p.25).

Em todas essas obras trazidas por Duarte (2009), há uma atividade sexual bastante ativa entre as personagens, contudo nenhuma das mulheres traz consigo a maternidade ou gravidez. Tais exemplos reforçam as reflexões delineadas por Evaristo (2009):

Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (EVARISTO, 2009, p. 23-24).

Assim, podemos pensar, consoante Evaristo, que uma das razões para tal esterilidade da mulher negra seja uma forma de apagar ou silenciar a “matriz africana”, e a forte presença e contribuição da população negra na formação nacional.

Diante disso, ao discutir esse apagamento da prole negra na literatura canônica, Duarte aponta a produção literária de autores negros como contracorrente. De acordo com o autor, a partir do final do século XIX e começo do XX, tem-se aumentado de maneira bastante significativa o número de escritores (as) que tem como objetivo romper com todos esses estereótipos, e trazer novos olhares e novas vozes sobre o retrato da mulher negra.

O livro *Úrsula*, publicado em 1859, primeiro romance abolicionista do território nacional, de Maria Firmina dos Reis, é o livro que inaugura e dá voz a uma escravizada, uma mulher negra que busca reivindicações em uma sociedade totalmente patriarcal e escravocrata. Machado de Assis também publica contos problematizando a relação da escravizada com o padrão e rompe com a infertilidade colocada por muitos autores, como vimos anteriormente.

Já no século XX, temos o romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, onde a personagem feminina não só engravida, como é posta ao centro da trama, e o autor faz uma crítica ao relacionamento interracial. Temos também poetas, como Lino Guedes, que publicou poemas exaltando uma musa negra ao invés das francesas. Chegando por fim aos *Cadernos Negros*³, que desde 1978 tem publicações constantes de grandes autoras como Conceição

³ Os *Cadernos Negros*, coletânea de poemas e contos organizada pelo Quilombhoje, de publicação contínua desde 1978, constitui-se o principal veículo de divulgação da escrita literária de autoria negra.

Evaristo, Miriam Alves, Geni Guimarães e entre outras. Autoras que “encontramos o redirecionamento da voz narrativa que, sem descartar a sexualidade, está empenhada em figurar a mulher não a partir de seus dotes físicos, mas pelas atitudes de luta e resistência, e de sua afirmação enquanto sujeito” (DUARTE, 2009, p.34).

Sendo assim, essas escritas desconstroem, renunciam e ressignificam palavras e falsas verdades impostas pela literatura canônica.

1.3 - A literatura feminina negra no Brasil

Como já dito, a literatura de autoria feminina negra ainda hoje sofre diversos impedimentos e exclusões, mesmo tendo um avanço significativo. Vimos com os teóricos até então estudados que essa literatura se caracteriza não só pela singularidade cultural, mas também pela voz de sujeitos negros agentes de suas próprias histórias. Ana Rita Santiago da Silva (2010), em seu artigo “Da literatura negra à literatura afro-feminina” nos diz que

Escritores/as negros/as não apenas apropriam-se da palavra poética para (des)contar o passado histórico de negros/as. Eles/as ainda utilizam a literatura negra também para provocar a sociedade brasileira quanto às relações étnicorraciais; para afirmar que a lógica do consumo, que sustenta os postulados e negócios da sociedade do espetáculo, define a comercialização de identidades negras, a partir de uma exposição, por vezes, unificadora e estereotipada, de elementos e vivências culturais homogêneas, fixas e sem dinamismo, inerente aos entrecruzamentos da vida em trânsito (SILVA, 2010, p. 96-97).

Ou seja, uma literatura que busca mudanças e que procura romper com todos as falsas verdades perpassados por muito tempo em todo decorrer da literatura brasileira. Vejamos alguns apontamentos de como tudo isso se deu.

Em meados do século XX, mais precisamente na década de 1960, momento em que os movimentos sociais estavam eufóricos no Brasil, grupos que até então não tinham direito à voz, como o movimento negro e o movimento feminista acabam ganhando força e certa visibilidade, e esse direito à palavra acaba sendo essencial, pois foi uma forma de ter acesso ao que até então lhes eram relegados.

A escrita de autoria feminina negra, que é *corpus* deste trabalho, é algo essencial neste período de movimentos sociais, já que é um elemento de intersecção aos dois movimentos já citados, visto que tratam sobre as questões de gênero e de raça. Entretanto, sabemos que tanto o movimento feminista como o negro por diversas vezes mostraram-se racistas e machistas. Ou

seja, a mulher negra terá um desafio maior ainda por não se encaixar completamente em nenhum desses espaços. Diante disso, devemos antes, refletir sobre esses textos de autoria negra, quem são essas mulheres, o que recorrentemente tem em seus escritos e o que elas procuram destacar em suas produções.

Sobre peculiaridades da literatura feminina negra, Ana Rita Santiago da Silva (2010) nos diz que:

Pretende-se com a literatura afro-feminina elaborar discursos em que se possam fiar e ficcionalizar mazelas advindas de práticas racistas e sexistas, mas também, em tom de lirismo, tecer versos e prosas que re-elaborem identidades, entoem e inventem amores, dissabores, dores, histórias, resistências e ancestralidades. Para tanto, escritoras negras, de várias regiões do Brasil, cientes e associadas (ou não) a circuitos de literatura negra ou a outros segmentos, buscam garantir estratégias de escrita, publicações e divulgação de suas produções literárias, a fim de romper com o esquecimento e a não autorização a que, historicamente, estão submetidas suas vozes e autoria (SILVA, 2010, p. 98).

Ainda sobre a escrita dessas mulheres negras, destaca-se as contribuições da escritora Miriam Alves (2010), em seu livro *BrasilAfro Autorrevelado*. A autora observa que:

Em se tratando das escritoras, os textos ficcionais e poéticos vêm somar-se às reflexões das pesquisadoras e pensadoras negras, embora em campos de atuação específicos, mas as ponderações e criações partem de uma mesma realidade: a de ser mulher negra e brasileira num contexto desfavorável de existência a ser superado. É como mergulhar numa quádrupla jornada para poder imprimir um pensamento coerente à realidade nacional brasileira e passar a existir visivelmente em todos os aspectos de cidadania (ALVES, 2010, p.68).

Essa quádrupla jornada pontuada por Alves (2010) nos confirma o porquê ser mulher negra em nossa sociedade é um desafio bem maior, já que nos faz refletir sobre a resistência e militância dessa mulher que se difere tanto da mulher branca quanto do homem negro. Em relação a essa questão, a filósofa brasileira Sueli Carneiro muito acrescenta à discussão:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. [...] Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência” (CARNEIRO, 2003, p. 50-51, grifo da autora).

Com isso, a necessidade de “enegrecer o feminismo”, apontado por Carneiro (2003), perpassa a literatura de autoria feminina negra, a fim denunciar e romper com essas e diversas

outras violências, diuturnamente vividas por quem ainda sustenta a base da pirâmide de uma sociedade racista, machista e classista.

Sendo assim, pensando em como a sociedade foi construída totalmente aos moldes de um patriarcalismo, essas mulheres eram silenciadas, seja politicamente ou culturalmente, não tendo o direito de serem vista como leitoras ou escritoras. Então a escrita feminina negra busca esse reconhecimento e a distorção de práticas recorrentes nas literaturas anteriores.

Todavia, mesmo diante de todos esses movimentos sociais, a literatura feminina negra somente passa a ter maior visibilidade por volta dos anos 1970, quando a coletânea *Cadernos Negros* é publicada. Porém, é importante apontar que, mesmo a escrita feminina tendo sua visibilidade por muito tempo negada, não significa que as mulheres não escreviam. Um fato curioso a ser considerado nessa relação, é pensar que até hoje, acredita-se que as mulheres só começaram a escrever a partir do século XX. Sabemos que no período deste mesmo século, foi crescente o número de escritoras, contudo temos por exemplo a escritora Maria Firmina dos Reis, que em 1859 publica o romance *Úrsula*. No entanto, não podemos afirmar que anteriormente a Firmina outras mulheres negras não escrevessem, pois sabemos que naquela época uma mulher era privada de qualquer participação e/ou expressão de pensamentos.

Com a efervescência dos movimentos sociais, mais precisamente em 1978, a coletânea *Cadernos Negros* tem sua primeira publicação. Em sua dissertação de mestrado *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*, Fernanda Rodrigues Figueiredo ressalta que: “nasce a série Cadernos Negros: para permitir que os escritores se vissem representados pelo próprio olhar afro” (FIGUEIREDO, 2009, p. 8). Aqui escritoras(es) encontraram uma espécie de porta-voz, onde serão agentes de suas próprias histórias. Ainda em consonância com Figueiredo:

A cultura negra é, assim, perpetuada pelas gerações, e alcança as universidades e o poder instituído. Mais do que uma reunião de textos, os Cadernos se configuram como reunião de forças, de mentes voltadas para a luta contra as desigualdades. [...] *Cadernos Negros* realiza a mudança da Literatura, uma vez que cumpre o papel de divulgar as vozes negras silenciadas pelo cânone (FIGUEIREDO, 2009, p. 11).

Sabendo-se que os *Cadernos Negros* privilegiam as vozes que por muito tempo foram silenciadas e dão possibilidade para pontos de vista e releituras diferentes do que até então estava estabelecido, Figueiredo nota que:

A luta pela mudança e pela igualdade é a marca do olhar poético constituído em CN. Não é questionar por questionar, e sim aplicar a palavra como ferramenta de poder para inverter o centro ou ainda mais profundamente transformar o periférico em lugar

também privilegiado pelo centro. Indiscutivelmente, a linguagem é empregada como meio de poder, mas em CN ela não toca a manipulação, o controle, toca a possibilidade de igualdade social (FIGUEIREDO, 2009, p. 36).

Sendo assim, a escrita dessas mulheres além de procurar ressignificar palavras, estereótipos e valores construídos pela literatura canônica, essas mulheres também buscarão um reconhecimento de si mesmas. Nas palavras de Fernanda Figueiredo:

A idéia formulada por Simone de Beauvoir – que a mulher é uma construção social – parece ser a que melhor descreve os movimentos das personagens femininas em *Cadernos Negros*. Elas se descobrem, se procuram enquanto mulheres. As escritoras, principalmente através da memória, buscam o reconhecimento da identidade; e o encontro com a sexualidade, a demarcação do corpo e do próprio desejo são caminhos para o “tornar-se mulher” (FIGUEIREDO, 2009, p. 40, grifo da autora)

Nesse sentido, essa busca pela identidade, e reencontro consigo mesma, faz com que alguns temas sejam recorrentes nas literaturas escritas por essas mulheres. Figueiredo (2009) ainda, destaca três grandes temas e sete subtemas que são recorrentes na literatura de mulheres negras. Sendo eles: A “violência”, que abrange: preconceito/exclusão, aborto e prostituição; “relações afetivas”, que engloba: relacionamento amoroso (hetero e homossexual), mãe e filhos (maternidade) e família; e “história e memória ancestral”, que abarca: história do negro e religiosidade. Vejamos cada temática a partir da fala e ponto de vista de mulheres negras.

O primeiro tema abordado por Figueiredo (2009) é a “violência”. Dentro dessa temática, temos o preconceito/exclusão como subtemas. Ao nos referirmos à escrita de mulheres e homens negros, veremos que preconceito e exclusão serão recorrentes e com uma representação bastante significativa, já que essa escrita também apresenta as desigualdades encobertas, as marcas de preconceitos deixados pela história desta população e as feridas abertas de exclusões que até nos dias de hoje estão implícitas nacionalmente. Dessa forma:

A proximidade dos textos de CN, seus cenários e personagens, com a cena real é intencional. Os contos abordam assuntos cotidianos para construir uma literatura engajada. Os textos literários das escritoras de CN abordam o que as pesquisas do DIEESE já apontam: o Brasil ainda não é o mesmo para todos que vivem em seu solo; oportunidades de emprego e educação, bem como as condições de vida são de péssima qualidade para a população negra. Muitos ainda são rechaçados pela cor seja nos escritórios, repartições, no trabalho em geral, no “perfil subserviente” exigido pela empresa ou pelo seu chefe, no atendimento das lojas, nos olhares e gestos dos que nos cercam. De acordo com o DIEESE o nível de desemprego é maior entre as mulheres negras. Os homens negros ocupam o segundo lugar no ranking de desempregados no Brasil. Entre as causas apontadas estão: a baixa escolaridade e a ausência de oportunidades igualitárias tanto de emprego, quanto de qualificação. Na periferia predomina o povo negro. Se levarmos em conta a história brasileira a explicação está nos séculos de escravidão e na abolição feita sem planejamento adequado que pensasse o destino desta população, então liberta. A violência se apresenta como cenário congênito à história desta população e transcende os séculos de escravidão (FIGUEIREDO, 2009, p. 43-44).

Logo, esses textos além de romper padrões, vêm também para descortinar sentimentos de dores, perdas, alegrias, além de “falar do não dito, pela perspectiva de quem nunca pôde dizer”. (FIGUEIREDO, 2009, p. 43)

Ao se referir ainda sobre tipos de violências sofridas, a crítica pontua que a escrita de autoras negras possui um enredo, em que uma de suas faces ela chama de “dialética da violência”.

Compreendo “dialética da violência” como este movimento de dissecar a história nas palavras, cenas, contextos e personagens demonstrando a dor e as marcas das arbitrariedades sofridas, seja por uma memória individual contemporânea, seja pela memória coletiva ligada ao passado de um determinado grupo social (FIGUEIREDO, 2009, p. 44).

Sendo assim, por meio da escrita dessas mulheres será possível perceber em seus discursos situações vividas por personagens, que de alguma forma sofrem agressões física, simbólica ou moral. Dentro do tema “violência”, a pesquisadora ainda traz o subtema aborto, que aparece enquanto caminho para mulheres abandonadas, solitárias e violentadas, visto que:

A situação é descrita muitas vezes como parte de uma desilusão amorosa, a impossibilidade da realização da mulher negra que muitas vezes é considerada simplesmente como estereótipo de prazer. A mulher se configura o ser solitário que aborta não só o feto – e o aborto aparece como espontâneo ou forçado –, mas a construção de família, nos moldes tradicionais, e a realização do amor. Portanto, o aborto é um aspecto da violência (FIGUEIREDO, 2009, p. 57).

Contudo, nos textos dessas mulheres, elas procuram expressar o que antes não tinham direito. A personagem pode transmitir todo o seu sofrer e sentir a dor da perda. Nesses textos são relatadas todas as fatalidades na qual o aborto oferece às mulheres, seja ele o sofrimento emocional ou físico.

O próximo tema caro às escritoras negras é “relações afetivas”. Aqui a maternidade aparece como subtema. De acordo com Figueiredo (2009), na relação mãe e filho há uma busca por identidade por parte das filhas que se apoiam nas mães. Nos escritos em que esse assunto é abordado, vemos que a figura materna está ligada a uma figura forte e inspiradora. A pensadora averigua que “nos contos apresentados, as relações entre mãe e filhas é extremamente positiva e poética. Essas mulheres encontram, umas nas outras, os pilares de sua cultura, seu pertencimento identitário, as esperanças e o incentivo para continuarem ou iniciarem as lutas cotidianas” (FIGUEIREDO, 2009, p. 62).

Outro subtema dentro de “relações afetivas” é, o amor erótico, subtema este que é colocado pelas autoras de *Cadernos Negros* de diversas formas, já que ao escrever sobre o erotismo há também uma exaltação dos corpos negros.

O erotismo em CN se revela como uma representação da sexualidade e da sensualidade dos corpos negros: suas belezas inscritas, o deleite no contato entre os(as) parceiros(as) ou, simplesmente, a sugestão deste contato. Representar o prazer dos jogos sensuais é o principal caminho percorrido pelos contos. Sendo assim, encontram-se aí tanto a valorização da negritude, quanto a realização das metáforas do prazer (FIGUEIREDO, 2009, p. 62).

O último tema apresentado por Figueiredo é “história e memória ancestrais”. A autora faz pontuações relevantes ao referir a importância dessa memória para a construção da identidade negra, uma vez que “este recurso percorre a História, revisitando-a nos pontos silenciados, ou seja, tornando audíveis as vozes, outrora, excluídas” (FIGUEIREDO, 2009, p. 65).

Ao pensarmos a história e trajetória dos povos negros, vemos que há lacunas, seja na história, nas ciências ou nas literaturas, aspectos apagados pela cultura dita hegemônica, o que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) questiona enquanto “perigo da história única” (2019). Dessa forma, a fim de questionar os parâmetros dessa história e preencher vazios, teremos nas produções de mulheres negras a reescrita dessas narrativas. Desse modo “a recomposição da história pelo olhar das mulheres buscará a identificação com o passado que, dantes descrito com visão excludente, não contemplava as identidades afro e feminina. As escritoras buscam, ainda, as respostas para questões de seu cotidiano” (FIGUEIREDO, 2009, p.72). Como lembra ainda Figueiredo, pensando sobre a importância da memória:

Pela memória os povos constroem, reconstróem e perpetuam sua identidade para gerações seguintes. O presente se alimenta do passado e incorpora alguns elementos num movimento antropofágico, uma vez que reinscreve passado e presente. Daí a importância da memória para os grupos sociais e étnicos. Por via da memória a (re)construção da identidade lança mão de uma “dialética da violência” para problematizar as questões relativas aos preconceitos e exclusões que afligem a sociedade (FIGUEIREDO, 2009, p. 78).

Dessa forma, conforme vimos até aqui, os estudos da pesquisadora Fernanda Figueiredo sobre as peculiaridades da literatura negro-brasileira escrita por mulheres são de suma importância para as nossas reflexões, uma vez que a escritora Conceição Evaristo, assim como outros importantes nomes dessa literatura, iniciaram sua produção literária nos *Cadernos Negros*, conforme afirmado anteriormente. Assim, os temas “violências”, “relações afetivas” e “história e memória ancestral” também atravessam o *corpus* aqui a ser analisado.

2 - CAPÍTULO: O PROTAGONISMO FEMININO NEGRO EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

2.1 - Conceição Evaristo: Apresentação

Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida por Conceição Evaristo, teve sua estreia na literatura com a publicação de dois contos na série *Cadernos Negros*, no número 14. Desde então, a autora tem mantido uma frequência de publicações de contos e poemas, não só na série, mas em diversas antologias tanto no Brasil quanto no Exterior.

Conceição Evaristo é natural de Belo Horizonte - MG, nascida em 1946 no Morro da Pindura Saia, uma favela localizada na zona sul da capital e que na época da ditadura militar foi removida. Filha de Dona Joana Josefina e Aníbal Vitorino, Evaristo é a segunda de nove irmãos e foi a primeira a obter um diploma de ensino superior. É interessante ressaltar que mesmo após dias exaustivos de trabalho, dona Josefina, que trabalhava como lavadeira, sempre encontrava tempo para contar histórias para os filhos e isso foi um grande marco na vida de Evaristo, já que ela mesmo diz que seu primeiro contato com a literatura se deu pelas histórias que ouvia de sua mãe e de sua tia. Sua tia Maria Filomena da Silva era casada com um servente de pedreiro. Por não ter filhos, e sempre poder dividir pelo menos um pouco do que tinha, aos 7 anos Conceição Evaristo passa a morar com essa tia e isso de certa forma acaba dando mais oportunidades para ela estudar.

Conceição Evaristo começou a seguir a mesma profissão da mãe e tia bastante cedo, tendo apenas 8 anos de idade. Por diversas vezes trabalhou nas casas de professores e isso lhe proporcionou acesso aos livros e algumas aulas particulares. Algumas professoras a apoiava e outras só a tratava como uma simples lavadeira. Como nunca deixou os estudos de lado, sendo sempre muito resistente e questionadora, a escritora mineira conquistou diversos professores, mas também olhares torcidos de vários outros, como bem nota a própria autora:

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por

aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos (EVARISTO, 2009, S/N).

Ao terminar o ensino primário, Conceição Evaristo ganhou seu primeiro prêmio de literatura, num concurso de redação de sua escola. Em 1971, conclui o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, porém mesmo com o diploma de professora em mãos, a escritora não teve oportunidades de prestar serviços, pois, além de depender de indicações, que infelizmente não tinha, sua família e várias outras sofriam por estar sendo retiradas de suas moradias. Com essas condições, dois anos mais tarde, Evaristo migra para o Rio de Janeiro, onde prestou concurso para professora do ensino primário.

Mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas, vimos que na casa dessa ilustre escritora, a literatura sempre foi muito presente, muitas vezes não escrita, mas absorvida pela arte da palavra – oralmente eram sempre fartos de histórias. Com essa paixão pela literatura, em 1976 Conceição Evaristo é conduzida para o curso de Letras na UFRJ. Em 1996 defendeu sua dissertação de mestrado em Literatura Brasileira pela PUC/Rio de Janeiro, e por último, em 2011 defendeu a tese de doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Durante o decorrer desses anos, a autora além de publicar inúmeros textos acadêmicos, publicou também livros de poesias, contos e romances, sendo eles, em ordem do ano de publicação: *Ponciá Vicêncio*, (2003) *Becos da Memória*, (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos*, (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) e *Canção para ninar menino grande* (2018).

Especificamente três contos do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), serão objetos de análises nessa monografia, na qual veremos no próximo capítulo.

2.2 - A escrita insubmissa de Conceição Evaristo

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima, sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
É este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do autorretrato meu.

(CONCEIÇÃO EVARISTO)

Escrevivência é um termo usado e amplamente reconhecido como marco na obra de Conceição Evaristo, é referência tanto nas universidades nacionais como internacionais, e estudado não só no campo literário, mas também na história, psicanálise, saúde entre outras.

Em diversas entrevistas, Evaristo diz que o termo foi usado pela primeira vez, em um seminário em 1995, em relação à sua obra. Mesmo que a própria autora não tenha tido a intenção de criar um conceito para o termo escrevivência, a partir das muitas discussões feitas por pesquisadores da literatura e sua constante utilização em teses, artigos, dissertações e principalmente os levantamentos sobre os próprios textos da autora, o interesse pela crítica em consolidá-lo se fortalece cada vez mais, à medida que todo esse movimento continua crescendo.

Nos inúmeros estudos e reflexões feitas, a expressão possui múltiplos significados. Morfológicamente a expressão é uma junção das palavras “escrever” e “viver”. Quanto ao seu sentido, podemos entender como “escrever vivências”, escrever fatos vividos. Sobre o termo escrevivência, Cristiane Côrtes, em seu artigo “Diálogos sobre escrevivência e silêncio”, nos diz que:

A palavra escrevivência é um neologismo que, por uma questão morfológica, facilmente compreendemos do que se trata. A ideia de juntar escritas e experiências de vida está em vários textos ligados a literatura contemporânea. Entretanto, Evaristo se apropria do termo para elucidar o seu fazer poético e lhe fornece contornos conceituais. [...] O conceito, então, se destaca pela aproximação por um lado e distanciamento por outro da realidade transformada em ficção com o objetivo de trazer um diferente olhar para a cena literária habitual em que os estereótipos e os lugares dos negros, brancos, pobres e ricos estão muito demarcados. Levando a questão da identidade e diferença para o texto literário, a escrevivência teria esse duplo papel de releitura ou rasura da história e de reversão do estereótipo da mulher negra no país, pois tem à frente mulheres intelectuais e conscientes do poder de transformação da leitura e da escrita (CORTÉS, 2016, p. 52-53).

Notemos então que, conforme reflexões de Côrtes, o termo escrevivência vem questionar através da literatura, um lugar silenciado que escritoras negras desejam reparar. Nas palavras de Evaristo, escrevivência:

em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30, grifo da autora).

Ao decorrer dessa monografia, vimos que Conceição Evaristo não cresceu em uma casa repleta de livros, porém foi se educando a partir de narrativas orais e a experiência de vida, experiências de seus familiares, mãe, irmãos e tias, sendo que todas serviram como contribuição para constituir sua escrita. Então, ao pensarmos escrevivência como escrita alinhavada a experiências vividas, devemos nos atentar que não é somente pensar como a escrita da vida, pois teremos não só experiências palpáveis mas também as subscritas, teremos um não dito.

No momento em que Evaristo consegue criar, mesmo que inconscientemente seus próprios métodos de escrita, estabelecendo a linguagem escrita sem deixar de lado a oralidade e ainda imprimir experiências vividas, encontramos nas obras da autora uma forma particular e ao mesmo tempo coletiva, de resgatar o passado de um povo que ficou recalcado e silenciado pela História. A autora, dessa maneira, estabelece “uma intrínseca relação entre o ato de escrever literatura e a intenção de assumir o que foi vivenciado por negros e negras ao longo da história do Brasil” (FONSECA, 2020, p. 61).

Sobre sua escrita literária, Conceição Evaristo ressalta que

tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas. Creio que é a humanidade das personagens. Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio. E o que falar da solidão e do desejo do encontro? São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença (EVARISTO, 2020, p. 31).

Dessa forma, percebe-se que todas as obras da escritora são construídas no enalço da escrevivência, de forma que personagens e enredos complexos trazem novas possibilidades, novos textos e novos públicos para o campo literário. Seja na produção em prosa ou em versos, a identificação de diferentes leitores com os textos de Conceição Evaristo provoca movimentos no sistema literário. Sua voz acolhe um público plural: leitores periféricos, ansiosos por se ver na literatura, como também uma classe média branca aberta a outros atravessamentos literários. Não é por acaso que a escritora é uma das mais pesquisadas nas universidades brasileiras.

Um dos principais temas trabalhados pela escritora Conceição Evaristo tem sido a violência sofrida por grupos considerados minoritários, principalmente mulheres negras, além de outras questões, como gênero e identidade. Ao longo desta pesquisa, percebemos que a obra de Evaristo é marcada pelas mais variadas personagens que sofrem de diversas formas de violência, seja ela física, simbólica e moral. Contudo, mesmo existindo uma literatura que já abordasse esses temas e que também questionasse a literatura canônica e a denúncia de maus tratos sofridas por mulheres, por algum tempo infelizmente não foi reconhecida como literatura ou foi silenciada.

Ao tratar do tema violência na literatura, Constância Lima Duarte, em seu artigo “Gênero e violência na literatura afro-brasileira”, questiona:

Já há algum tempo, quando leio escritos de autoria feminina, reparo que raramente eles tratam da questão que me parece a mais urgente, a mais premente, que nenhuma mulher pode ignorar. Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde, as dores do espancamento, do estupro, do aborto?

Na vida – nesta que fica aquém da literatura – tais dores são comuns. Não passa uma semana sem que os jornais noticiem a morte de mulheres assassinadas pelo companheiro, vingativo ou enlouquecido de ciúmes. Não passa um dia sem que uma mulher seja espancada, sangrada, violada, apenas por ser mulher. E não me refiro só à violência física que deixa marcas visíveis no corpo. Também as outras, a humilhação, a ofensa, o desprezo, marcam, doem, e são cotidianas (DUARTE, 2021, S/N).

Conforme lemos no fragmento acima, Duarte faz questionamentos sobre onde está essa literatura que denuncia o que está presente a todo momento em nossa sociedade. Mais adiante em seu artigo, vemos que dentro da temática da violência, a pesquisadora toma como *corpus* a obra de Conceição Evaristo, pois “os textos revelam a consciência de pertencimento a um grupo social oprimido, que tem na pele a cor da exclusão, e está presente em cada personagem.” (DUARTE, 2021, S/N)

Ao trazer em sua literatura diversas reflexões acerca das questões supracitadas, percebemos que a desigualdade por muito tempo velada em nossa sociedade faz com que a escritora afro-brasileira tenha um importante papel de reescrita da literatura brasileira, lutando para que mais espaços dentro da literatura sejam abertos também para outras escritoras negras.

Seja em seus livros de contos, romances ou poesias, Conceição Evaristo nos apresenta personagens femininas fora dos padrões convencionais. Mulheres que recusam o silêncio à opressão, mulheres que confrontam de diversas formas a cultura dominante. Dito isso, analisaremos nesse capítulo três contos do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, publicado em 2016 pela editora Malê.

O livro contém 13 contos, no qual todos têm como personagem principal mulheres, e seus nomes darão título aos contos. Uma característica importante nessa obra é a forma como ela é escrita, em que atravessa um processo de escuta e fala. A narradora viajará por cidades, atrás de mulheres que desejam relatar suas histórias. Os contos são: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelta Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia. Especificamente nesta monografia, analisaremos os contos Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel, a fim de evidenciar o protagonismo feminino negro e resistência, presente na obra da autora Conceição Evaristo.

2.3 - Aramides Florença e Lia Gabriel: corpos violentados

O conto “Aramides Florença” abre o livro *Insubmissas Lágrimas de mulheres*, e tem como enredo episódios de violência que a protagonista sofre, tendo seu corpo agredido pelo seu companheiro, durante e após a gravidez.

Aramides Florença, desde moça, sempre idealizou ter uma família e vivia a espera de um companheiro, o qual seria também o pai de seu filho. Um dia esse homem, que na narrativa é descrito somente como “pai de Emildes” ou “pai de meu filho”, surge e “foram felizes no namoro. E mais felizes quando decidiram ficar juntos” (EVARISTO, 2016, p. 11). Logo também, a gravidez tão esperada chega na vida do casal deixando-os ainda mais felizes.

Ao longo da narrativa, a mulher procurando uma melhor posição para se deitar, mexendo de um lado para o outro, percebe que, no lugar em que se deitou, havia um objeto estranho que, ao tentar se levantar, acaba cortando um dos lados de sua barriga.

Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de uns dos lados de seu ventre. Aramides não conseguiu entender a presença daquele objeto estranho em cima da cama. Havia dias que o barbeador elétrico de seu companheiro havia estragado e ele estava usando um daqueles antigos. O homem, pai do filho de Aramides Florença, não soube explicar a presença do objeto ali (EVARISTO, 2011, p.13).

Passadas três semanas, outro fato veio a acontecer com o casal, e dessa vez, a protagonista começa a ter leves suspeitas que o marido poderia estar à machucando voluntariamente. A personagem principal explica que, desde quando se conheceram, nunca houve motivos de suspeita que seu marido seria uma pessoa ruim, ou que poderia a agredir algum dia. O segundo acontecimento ocorreu, enquanto Aramides se contemplava no espelho, vendo que seu marido se aproximava: “adivinhou o abraço que dele receberia por trás” (EVARISTO, 2016, p. 14)), porém o que sentiu foi uma grande dor: “Ele que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides” (Evaristo, 2016, p. 14).

Percebemos até o presente momento, que o marido da protagonista começa a expressar atitudes totalmente diferentes do que se conhecia até mesmo por sua esposa. Mais adiante veremos que o comportamento estranho do marido de Aramides se dá pelo fato de se sentir ameaçado pela criança que ainda está por nascer, e então começa a ter atitudes agressivas contra a esposa, a fim de ter um domínio sobre o corpo da mulher.

Após o nascimento do filho, vemos que esse sentimento de posse se torna ainda maior. As primeiras semanas foram de intensa felicidade para o casal, tanto que Aramides esquece das dores e da desconfiança que sentiu durante o período gestacional. Porém, passados alguns dias após o nascimento da criança, a protagonista começa a sentir não só desconfiança, mas também medo. O marido passa a demonstrar ciúmes, pois não admite ter que dividir a mulher com o filho e chega a perguntar a Aramides quando a mulher seria “só dele”.

As cenas de irritação e comentários agressivos voltam a acontecer mais vezes, contudo o ápice da agressão acontece no momento em que o pai de Emildes adquire um sentimento de dominação ainda maior e que acaba culminando em agressão física e sexual. Citamos:

De chofre arrancou o menino dos meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão de que tinha sido este o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre a nossa cama, rasgando as minhas

roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar (EVARISTO, 2016, p. 17).

A violência presente no conto se apresenta de várias formas: a violência física, sexual e simbólica. Conforme vimos no primeiro capítulo desta monografia, Figueiredo (2009) aborda temas mais recorrentes nas obras de escritoras afro-brasileiras, sendo a violência um dos temas mais abordados, por infelizmente, ainda fazer parte do dia a dia das mulheres.

A partir das reflexões de Figueiredo (2009), podemos compreender que a protagonista do conto sofre primeiramente a violência simbólica, já que advém de um poder legitimado, como por exemplo a sobreposição de um gênero sobre o outro. O marido da vítima acaba violentando a protagonista em um sistema de conta-gotas, começa com pequenas atitudes, até chegar ao ápice da agressão, a vítima acaba sendo conivente com o agressor por não ter consciência do que está sofrendo. A violência simbólica é “invisível aos olhos de suas vítimas, embora suas consequências sejam dolorosas, pois se instala intimamente, nas crenças, na autoestima, e nas relações cotidianas” (FIGUEIREDO, 2009, p. 50).

Como podemos perceber, no início Aramides acaba “não entendendo” a verdadeira intenção do agressor, pois tem uma atitude comum às mulheres vítimas de violência, que é a negação dos abusos sofridos, por nutrirem laços afetivos aos seus companheiros e o medo de não ter uma figura masculina como proteção, pois “tudo tinha sido atordoamento de alguém que experimentava pela primeira vez a sensação de paternidade. Com certeza, tudo tinha sido atrapalhação de marinheiro de primeira viagem” (EVARISTO, 2016, p.15).

O marido da protagonista apresenta-se de fato um modelo da sociedade patriarcal. E sua expulsão irá ocorrer quando a violência chega em seu nível extremo, onde o corpo de Aramides é violentado de tal forma que “nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco, até então” (EVARISTO, 2016, p.17).

A narrativa “Lia Gabriel” também tem seu enredo construído com base em situações semelhantes ao conto “Aramides Florença”, e terá também o nome do pai como “o nome da má hora” (EVARISTO, 2016, p. 101), pois assim como Lia Gabriel sofrerá com as violências cometida pelo marido, seu filho mais novo Máximo Gabriel também terá uma aversão pelo pai após presenciar agressão sofrida pela mãe.

Logo no início do conto, Lia Gabriel começa sua narração dizendo que há muito tempo gostaria de ter conversado sobre tal episódio de sua vida com alguém, e que se sente muito sozinha, tanto que começa relatando sua dor ao saber da doença de seu filho.

Tamanha foi a dor, quando o pediatra me disse, antes de qualquer exame mais detalhado, que o mais novo dos meus três filhos, com quatro anos apenas, poderia não estar fazendo só birras, mas caminhando para um estado de surto. Sem qualquer rodeio, fui informada pelo médico de que Máximo Gabriel provavelmente era esquizofrênico. E, embora eu tenha entendido o significado da palavra perguntei atordoada – Esquizofrênico? Como? Por quê? Dr. Fialho, talvez apostando na minha ignorância quanto ao significado do termo, me olhou, dizendo pausadamente: Mãe, seu filho parece sofrer de esquizofrenia, isto é, é louco, doido! (EVARISTO, 2016, p. 95-96).

Diante do diagnóstico, a mãe se preocupa bastante, e relembra de uma vizinha que conheceu na sua infância, “uma mulher tida e chamada de louca” (EVARISTO, 2016, p. 96). Lia teme que seu filho passe pelo mesmo. Além da preocupação com a doença do filho, a mãe também lutava arduamente para sustentar as três crianças, pois não tinham nenhuma outra colaboração financeira, já que o pai tinha saído de casa após uma briga.

Do pai, com certeza você deve estar me perguntando sem perguntar. [...] – Naquele tempo – continuou ela – o pai já tinha ido embora há quase dois anos. Saíra de casa após uma briga, em que, para me proteger peguei as crianças e fui para a casa de minha mãe cuidar de nossas feridas do corpo e da alma. Quando retornei com as crianças, todos os compartimentos estavam vazios. Nem uma cama ele deixou. Por vingança havia levado tudo, inclusive as nossas roupas. [...] Na época dessa noite, Madá e Lená tinham três anos e meio, enquanto Máximo Gabriel ia completar dois. E foi nessa ocasião que tomei, sozinha, a diretriz de minha vida. Deixei a escola em que trabalhava pelas manhãs, como professora de matemática, e passei a dar aulas particulares em casa. [...] Entretanto, o mais difícil foi na época em que recebi o diagnóstico de Gabriel [...] Perdi inclusive, muitos alunos, pois tive de iniciar o tratamento do menino. [...] Nas horas vagas, isto é, na solidão da madrugada, comecei a fazer pequenos consertos em aparelhos domésticos e, hoje, sou a única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade (EVARISTO, 2016, p. 97-98-99).

Conforme o tempo foi passando e as crianças crescendo, as crises de Máximo Gabriel foram se tornando mais intensas: “Primeiro, ele caía em um mutismo profundo, depois vinha a inquietação, com o andar pra lá e para cá, para culminar com o autoflagelo, o choro desesperado, a agressão verbal a um inimigo invisível” (EVARISTO, 2016, p. 99). Por medo do filho se machucar gravemente, após passar por muitos profissionais da saúde, Lia Gabriel encontra uma nova profissional que, através da internação de Máximo, consegue identificar que seu inimigo invisível era seu pai, e que Máximo desejava matá-lo.

Tal diagnóstico se dá quando em uma das várias observações e perguntas feitas pela doutora, surge o nome do pai e junto a lembrança “da tormenta que um dia infligiu a mim e as crianças” (EVARISTO, 2016, p. 101). Citamos:

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo

almoço. Assentada, eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ele ligar. Passados uns instantes ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. As crianças choravam aturdidas. Eu só escutava os gritos e imaginava o temor delas. Em seguida, ele me jogou no quartinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. Eu não emití um só grito, não podia assustar mais as crianças, que já estavam apavoradas. Depois, ele voltou à sala e trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Amparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu, com Gabriel no colo. E quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer minhas costas e minhas nádegas nuas ao homem que me torturava (EVARISTO, 2016, p. 101-102).

Assim como no conto apresentado anteriormente, a violência sofrida por Lia Gabriel também é dada através de uma visão machista, onde a mulher será vista como uma serva que tem que estar pronta para fazer e obedecer às ordens do marido. Quando o marido de Lia chega em casa, exige uma comida quente e tem como resposta que “o prato dele estava no micro-ondas, era só ligar” (EVARISTO, 2016, p. 101), isso foi motivo para que a agressão fosse se iniciasse.

Outro ponto a ser observado nesse conto são os dois espaços que ocorrem o espancamento. Primeiro o marido a arrasta para a área de serviço em que a machucada com joelhadas e imerge a cabeça de Lia no tanque d'água. Logo após a personagem é jogada no quarto da empregada, onde o companheiro a chicoteia com um cinto. Notemos que os lugares impostos nos remetem a violências sofridas por escravizados. São cenas e objetos que fazem referência ao que foi discutido em capítulos anteriores deste trabalho, a situação de sujeitos negros, principalmente mulheres negras que são tidas somente como empregadas e na maioria das vezes, objeto sexual, herança do período da escravidão – o que se aproxima do tema história e memória ancestral, apontado por Figueiredo (2009).

2.4 - Shirley Paixão: um exemplo de sororidade

O conto Shirley Paixão apresenta em seu enredo violências física, sexual e simbólica. Isso não anula o fato de nos contos analisados anteriormente não tenhamos esses tipos de violências, já que uma violência acaba desencadeando outra.

Shirley Paixão é mãe solo de duas meninas e tem sua vida completamente alterada ao se juntar com um homem viúvo, que tem três filhas. Porém Shirley acolhe as filhas do marido como se fossem suas.

Desde o começo do conto, Shirley Paixão confessa que em nenhum momento se arrepende de quase ter matado seu marido, pois, assim como nos contos anteriores, o opressor e agressor era o próprio esposo. Porém tudo somente será descoberto, apenas anos depois.

Em certo momento da narrativa, Shirley chama a atenção para a filha mais velha do marido, Seni. Nos fala de como sempre fora uma menina mais tímida, tinha um zelo muito grande pelas irmãs e até mesmo por Shirley, contudo sempre imaginou que Seni fosse assim por “saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe” (EVARISTO, 2016, p. 29). Shirley também nos relata da má relação do pai com Seni, uma vez que “quando se dirigia a menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche” (EVARISTO, 2016, p. 29), mesmo a esposa apontando o modo cruel como o marido tratava a própria filha.

Já com doze anos, com tamanha inteligência e mania de perfeição em tudo, o comportamento de Seni chama a atenção de uma professora, que chama Shirley para conversar e indagar se eram muito severos com Seni em casa. Shirley explica que não, que sempre fazia de tudo para “aliviá-la das exigências que ela mesma se impunha” (EVARISTO, 2016, p. 30), contudo, havia uma certa implicância da parte do pai. Ao chegar em casa e comentar sobre a conversa que tivera com a professora, o marido de Shirley apresenta um comportamento estranho.

Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina e acho mesmo que não investiu contra ela, porque eu estava por perto. Seni entrou em pânico. Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim [...]. Encarei o homem, que ainda era meu marido. Ele olhava estranhamente para a filha (EVARISTO, 2016, p. 30).

Shirley acaba intervindo na reação do marido, para que ele pudesse sair de perto da menina, o qual obedece de contragosto. No entanto, na mesma noite, horas mais tarde, quando todas já estavam deitadas, o pai de Seni chega à casa e encaminha-se diretamente para o quarto das meninas. Tira Seni da cama violentamente, assim como fazia há muitos anos, com a intenção de agredi-la. Porém, nessa noite, a menina “fez do medo, do pavor, coragem” (EVARISTO, 2016, p. 31) e apavorada grita pedindo socorro.

A princípio as irmãs pensam que é um estranho e começam a gritar o nome do pai e o Shirley. Diante da cena de violência, Shirley reage num impulso, acertando seu marido com uma barra de ferro.

Foi quando assisti à cena mais dolorosa da minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. [...]

Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só levantar e abaixar a barra. Quando vi, o animal caiu estatelado no chão. Na metade do movimento alguém me segurou – Uma vizinha (EVARISTO, 2016, p. 32).

A protagonista corre para proteger Seni, que se encontra desesperada e envergonhada diante de todos. A mãe a acolhe com muito carinho e cuidado. Shirley ainda cumpre três anos de prisão por quase ter matado seu marido, mas, como relata no início da narrativa, quase 30 anos depois do ocorrido, Shirley não tem nenhum remorso e constrói sua vida junto com as filhas.

Observamos nesse conto que há uma sororidade feminina por parte de Shirley e das meninas. Percebendo a rispidez com que o marido tratava Seni e a implicância que tinha por causa da forte união entre elas, Shirley afirma que no fundo sabia que algo ruim aconteceria.

Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. Não sei explicar, mas, em alguns momentos, eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele. Mas como? Por que ele? Até que o tempo me deu a amarga resposta e entendi, então, os sinais que eu intuía e que recusava decifrar (EVARISTO, 2016, p. 28).

Percebemos, a partir dessa passagem, elementos que nos remetem às relações afetivas, colocado como tema recorrente nas obras de escritoras feminina negra por Figueiredo (2009), sobretudo o subtema maternidade. No conto em estudo, muito além da figura da mãe enquanto protetora, que, a partir do senso comum, teria uma intuição em relação a proteção dos filhos, é possível uma leitura que enaltece a força da união entre as mulheres, já que uma confraria de mulheres é formada entre Shirley e as filhas.

Sobre essa sororidade entendida aqui, “está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado” (hooks⁴, 2018, p. 30). Seni vê em Shirley uma segurança e o apoio que não tinha desde a morte da mãe. Nas palavras de Figueiredo: “as relações entre mãe e filhas é extremamente positiva e poética. Essas mulheres encontram, umas nas outras, os pilares de sua

⁴ Optamos por grafar o nome bell hooks em letras minúsculas, conforme opção política da autora. bell hooks é o pseudônimo de Glória Jean Watkins, que adotou esse pseudônimo em homenagem à avó materna (Cf. SANTOS, 2018).

cultura, seu pertencimento identitário, as esperanças e o incentivo para continuarem ou iniciarem as lutas cotidianas” (FIGUEIREDO, 2009, p.62).

No conto também vemos que Seni sofre um ciclo de violências. Primeiramente temos a violência verbal e moral na qual a menina é agredida por palavras de deboche, e a desvalorização por parte do pai, aquele que deveria protegê-la. No ápice do conto, temos a violência física e sexual. Novamente a figura do homem, o patriarca, será representada como monstro, uma vez que ele agride e violenta a menina na certeza da impunidade até então garantida pelo silêncio de Seni, imposto por meio da violência simbólica. Entendemos então que há um reflexo da hierarquia imposta, e o estupro será usada também como uma forma de castigo a Seni.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.
(CONCEIÇÃO EVARISTO)

É com esse poema de Conceição Evaristo que iniciamos à conclusão deste trabalho. É exatamente esse ato de “morder, mascar e rasgar” que sentimos ao vivenciarmos todos os dias a luta de mulheres negras em todos os âmbitos de uma sociedade machista e racista. E a escrita de Evaristo nos proporciona uma quebra com tantos paradigmas impostos desse “âmago” na qual passamos.

Nos três contos aqui analisados e também em suas outras obras, vemos que a autora mineira consegue romper com um silêncio criados para grupos que por muito tempo foram subalternizados. Com isso, as discussões e reflexões feitas no primeiro capítulo, sobre a importância da literatura afro-brasileira trazidas pelos autores por Bernd (1988), Duarte (2008) e Cuti (2010) foram muito pertinentes para compreender a necessidade de pensarmos a literatura contemporânea como uma possibilidade de inserção de obras tão importantes quanto as já existentes. Precisamos ter uma visão crítica sobre o sistema literário para que esse padrão histórico instaurado não seja uma totalidade fechada.

A ausência da voz feminina negra na literatura, seja como escritora ou protagonista de histórias, a forma como eram vistas somente pelos olhos da sensualidade e sexualidade, úteis somente para o trabalho doméstico e até mesmo sua impossibilidade de ter e criar seus próprios filhos, são práticas que não mais ficarão silenciadas. Hoje temos diversas autoras afro-brasileiras que buscam reelaborar uma nova identidade para essas mulheres.

Nos contos aqui analisados, percebemos que a autora nos apresenta personagens que irão falar do não dito, mulheres que falam de não ditos, mulheres que descortinam sentimentos de dores, perdas e alegrias, violências sofridas, suas relações afetivas sob o olhar de quem antes não tinha voz e que agora é protagonista de sua própria história.

Em Aramides Florença, Lia Gabriel e Shirley Paixão, temos histórias de mulheres que sofrem agressão, que sentem na pele as marcas do machismo e do poder sobre seus corpos, os quais os homens pensam ter direito. Nos contos a figura paterna é a causadora de sofrimentos, e é preciso que esse pai se ausente para que haja um desenvolvimento e uma afetividade das mães para com os filhos. As personagens conseguem construir suas vidas sem a presença desse pai. Com isso, vemos como Evaristo desconstrói nas narrativas a necessidade de ter uma figura masculina em casa, uma crítica à família patriarcal, uma vez que nem sempre a presença do pai significa segurança.

Nota-se também que em nenhum dos contos aqui analisados, essa figura masculina é nomeado e tampouco os filhos recebem o sobrenome desse pai. Há um rompimento com uma tradição bastante antiga, até mesmo na história, já que o último sobrenome do filho, ainda hoje, quase sempre é o do pai, para que assim esse nome se perpetue.

Esse homem também é apresentado com características que rompem completamente com a figura que a literatura canônica sempre nos apresentou, vejamos: no momento em que o marido de Aramides se sente ameaçado pelo próprio filho, sentindo ciúmes pela esposa não estar sendo somente dele; a raiva que o marido de Lia Gabriel sente por ela ter pedido para o mesmo esquentar sua comida e tirá-la do micro-ondas, já que essa ação muitas vezes é posta como “trabalho de mulher” e também a insegurança que o esposo de Shirley Paixão sente ao ver suas filhas e esposa serem amigas e fortalecendo os vínculos afetivos. Todos esses sentimentos podem ser interpretados como a representação de uma masculinidade frágil que a autora não traz em vão, mas sim com o intuito de quebrar com os padrões de homem como sempre forte e seguro.

Outro ponto a ser observado, especificamente no conto Shirley Paixão, é uma quebra de padrões no que concerne à figura da madrasta. Como a mãe biológica de Seni faleceu, a partir do momento em que passa a viver com Shirley (a madrasta), ela acolhe como se fosse sua filha. Isso muda totalmente a visão de má, a que não será capaz de proteger e amar aquela que não é sua filha de sangue, imposta pela sociedade, já que a madrasta sempre é vista de forma ruim.

Ainda discutindo sobre a figura materna, vemos que Evaristo nos contos supracitados e nos demais que compõem o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, destaca o que antes não era colocado nas literaturas, pois Evaristo rompe diversas barreiras nos apresentando mulheres, negras, solteiras, lésbicas, e que são capazes de tudo para defender seus filhos e seus ideais. Ou seja, a autora expõe através da escrevivência a história de diferentes mulheres e mães, que além

de estarem na literatura também são protagonistas de sua própria história. Dessa forma, entende-se que por meio da escrevivência a autora traz para a literatura uma visão complexa e humana de mundo, possibilitando novos textos, novas leituras e abordagens.

Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, Conceição Evaristo nos apresenta treze histórias, e mesmo os enredos sendo diferentes, vemos que o ponto de ligação entre essas mulheres dá-se através de suas vivências, a objetificação que elas sofrem, e os diversos tipos de agressão, seja ela física, emocional, simbólica ou moral. Com isso, vemos a importância da voz feminina negra na literatura, pois é por meio dessa nova visão e definição de mulheres negras que Conceição rompe com estereótipos, apresentando personagens negras que resistiram a afrontas e imposições classistas, sexistas e racistas em uma luta cotidiana sob diferentes ângulos, impulsionadas pelo desejo de uma vida melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

BERND, Zila. **Introdução a Literatura Negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, p. 49-58.

CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre Escrivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.). **Escrivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2016, p. 51-60.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/47-constancia-lima-duarte-genero-e-violencia-na-literatura-afro-brasileira>>. Acesso em 25 de março de 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (Orgs.). **Falas do Outro: Literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nadyala; NEIA, 2010, p. 24-37.

_____. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 11-23. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2017>>. Acesso em: 19 de março de 2021.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é literatura. In: EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 5 ed. Trad. Waltencir Dutra. São Paulo. Martins Fontes, 2003, p. 1-22.

EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós-reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020, p. 26-46.

_____. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro, 2016.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: **Scripta**. Belo Horizonte, v.13, n.25, dez. 2009, p.17-31. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

_____. **Conceição Evaristo**. [Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras Belo Horizonte, Maio de 2009]. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 02 de junho de 2021.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros**: autoria e representações. Dissertação. (Programa de PósGraduação em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência**: a escrita de nós-reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020, p. 58-73.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e escrava**: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais negros**: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. **Via Atlântica**. (18), 2010, 91-102. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/va.v0i18.50743>>. Acesso em 15 de março de 2021.

